

A Guerra dos Seis Dias e suas consequências - Flávio Limoncic (pág 3)

Sobre o mesmo assunto leia também Henrique Veltman, nas páginas 10 e 11

Reprodução



PRATIQUE ESPORTES NA ASA

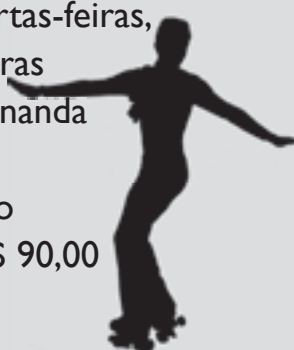
PATINAÇÃO ARTÍSTICA

Segundas e quartas-feiras,
das 18 às 20 horas

Professoras Fernanda
Ferreira

e Claudia Toledo

Mensalidade: R\$ 90,00



XADREZ

Segundas e
quartas-feiras,
das 19 às 20 horas

Professor Paulo
Pereira

Mensalidade:
R\$ 80,00



Informações na secretaria ou pelos telefones 2539-7740 e 2535-1808

E MAIS...

2

EDITORIAL

Ameaças à frente

4

2ª GUERRA MUNDIAL

O passaporte escondido
RENATO MAYER

5

A FOTO, A HISTÓRIA

Fantasia
HELIE TE VAITSMAN

6

ORIENTE MÉDIO/ ELEIÇÕES NOS EUA

A Era das Contradições
BRUNO GARCIA E SOUZA e
MURILO SEBE BON MEIHY

8

SECURON (parte 7)

Vamos para o Tashlich
MOTL POLANSKY

11

NOTAS



Ameaças à frente

O Estado de Israel acaba de comemorar o 64º aniversário de fundação em clima de grande incerteza. Com a chamada Primavera Árabe, regimes ditatoriais “confiáveis” caíram e deram origem a uma conjuntura gelatinosa, imprevisível, com elementos de instabilidade para as relações com o Estado judeu. Assim, além do conflito com os palestinos, renasce o espectro das fronteiras inseguras. A questão da segurança volta com força para a mesa dos estrategistas. No entanto, não é a única a ameaçar o futuro imediato do Estado.

Depois de abandonar o modelo social-democrata hegemônico nos primeiros anos, Israel vive as contradições típicas dos países capitalistas. Por um lado, é muito desenvolvido em setores tecnológicos de ponta. Ocupa o quarto lugar no mundo em atividade científica (medida pelo número de publicações por milhão de habitantes). As contribuições em muitos terrenos essenciais, como a medicina e a agricultura, são inestimáveis. Por outro, a desigualdade social atinge proporções dramáticas. O número de milionários (cerca de 10 mil) dobrou entre 2008 e 2010, enquanto aumentou o cinturão de pobreza e desemprego. Quase 2 milhões de israelenses vivem na pobreza, – desses, perto de 900 mil são crianças. A classe média, que ano passado foi às ruas protestar contra a alta no custo de vida, encolhe. O fosso, que se alarga, entre ricos e pobres, é o grande inimigo interno, que analistas importantes consideram até maior do que os externos.

Com orçamento de quase 20 bilhões de dólares para a defesa – um dos maiores do mundo com relação ao PIB –, agrava-se a falta de recursos para investimentos em áreas como educação e saúde. Esse é um dos argumentos pragmáticos a favor da paz: menos armas = mais salas de aula e leitos de hospitais e melhores salários para médicos e professores.

A nós, que apoiamos em 1948 a criação de Israel, cabe alertar para a descaracterização do projeto original e apoiar as forças democráticas que, no Estado judeu e nas comunidades judaicas, lutam pela igualdade de direitos entre os israelenses, pela justiça econômica e social e pela paz com os palestinos e os países árabes. ■

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band

Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter z'/ e Gitel Bucaresky

Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Stamppla

Tiragem: 2.200 exemplares

Capa: na foto maior, soldados israelenses descansam junto ao Muro Ocidental após a batalha por Jerusalém; na foto menor, assentamento em Har Homá.

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

Regente Claudia Alvarenga



Coreógrafo ▶ Rafael B. de Castro

NA ASA

DANÇA ISRAELI

Toda terça, às 18h30

CÍRCULO DE LEITURA

EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente,

terças, às 15h30

CORAL DA ASA

Ensaios toda quarta, às 20h

Estacionamento no local
(pago) Saída S. Clemente
da Estação Botafogo
(sentido Humaitá)

A Guerra dos Seis Dias

Flávio Limonic / Especial para ASA

Nos meses que antecederam a Guerra dos Seis Dias, as tensões entre Israel, Egito, Jordânia e Síria, que vinham se acumulando ao longo dos anos, intensificaram-se com rapidez, principalmente em razão de movimentos do presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser. Ainda hoje discutem-se as razões políticas que levaram Nasser a realizar tais movimentos, dado que ele tinha consciência da fragilidade do seu próprio exército, mas o fato é que ele assinou tratados militares com a Síria (novembro de 1966) e com a Jordânia (maio de 1967), ordenou a retirada das forças de paz da ONU da Península do Sinai e da Faixa de Gaza, posicionou tropas do Egito na região e fechou o Estreito de Tiran à navegação israelense.

Sentindo-se ameaçado por um crescente cerco militar, Israel deu início à guerra com os três países em 5 de junho de 1967, e, em seis dias, não apenas impôs uma dura derrota a três exércitos como ocupou a Faixa de Gaza, a Península do Sinai, a Cisjordânia, a Cidade Velha e Jerusalém Oriental e as Colinas do Golan.

De imediato, a guerra ocasionou o declínio da liderança de Nasser no mundo árabe e a percepção, por parte dos palestinos, de que os países árabes seriam incapazes de fazer avançar seu projeto de libertação nacional. A partir de então, a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), fundada em 1964, assumiu protagonismo na luta nacional palestina.

Mas os principais impactos da guerra seriam sentidos num prazo mais longo, em razão do controle israelense sobre os chamados territórios ocupados. Os debates iniciais em Israel sobre o que fazer com tais territórios foram, de certa forma, solucionados pelos países árabes que, na Conferência de Cartum, ainda em 1967, decidiram pelos Três Nãos: não à paz com Israel, não ao reconhecimento de Israel, não a negociações com Israel. Entre 1967

e 1977, os governos trabalhistas israelenses procuraram pouco interferir na vida das populações árabes dos territórios, com um enfoque basicamente militar para a Cisjordânia e militar e econômico para o Sinai e o Golan. No entanto, em 1977, uma nova coalizão governamental, reunindo o Partido Likud e o campo nacional-religioso, ambos ideologicamente comprometidos com a construção da Grande Israel, alterou esse enfoque. Ainda que devolvendo o Sinai ao Egito por pressão norte-americana, em

A ocupação das Colinas de Golan tem como pano de fundo o suprimento de água para Israel.

1979, o governo liderado por Menahem Beguin deu início à sistemática colonização da Cisjordânia, anexou a porção oriental e a Cidade Velha de Jerusalém e, na prática, anexou as Colinas de Golan ao território israelense. Sírios e palestinos reagiram fortemente a tais iniciativas. Os palestinos, em particular, não apenas deram início a uma grande revolta popular, a intifada de 1987, como viram seu movimento nacional radicalizar-se e cindir-se, com a criação do Hamas. Rejeitando o laicismo e o pragmatismo da OLP, o Hamas passou a defender a destruição do Estado de Israel e um Estado palestino teocrático em toda a região.

Quase 20 anos depois dos Acordos de Oslo, Israel continua a ocupar a Cisjordânia, Jerusalém Oriental e as Colinas do Golan – em 2005, retirou-se unilateralmente da Faixa de Gaza –, contrariando o espírito de resoluções da ONU e seguidas manifestações da comunidade internacional.

A ocupação das Colinas tem como pano de fundo o suprimento de água para Israel. Em diversas ocasiões, líderes israelenses e sírios acenaram com

um acordo que garantisse segurança e abastecimento para Israel em troca da devolução da região aos sírios. No entanto, as negociações pouco avançaram. No que se refere à Cisjordânia, não só diferentes setores da sociedade israelense continuam comprometidos com a Grande Israel, como aqueles setores que aceitam a solução dos dois estados não sabem como encaminhar duas questões. A primeira é como construir um arranjo político-militar que permita, simultaneamente, garantias de segurança para Israel e soberania palestina na região; a segunda é como lidar com os cerca de 300 mil colonos israelenses que vivem na região e que, no cenário da soberania palestina, teriam que ser realocados em Israel ou viver sob jurisdição palestina.

A situação se complica em razão das incertezas oriundas das dinâmicas políticas enfrentadas por sírios, palestinos e israelenses. Os sírios, vivendo sua versão da Primavera Árabe, parecem mergulhar cada vez mais em uma guerra civil de resultados imprevisíveis. Os palestinos, divididos entre o Hamas e a OLP, buscam dar alguma coerência à sua luta, mas as diferenças entre os grupos colocam dúvidas sobre a capacidade que terão de construir uma vontade nacional que permita o diálogo com Israel. Em Israel, uma coalizão governamental que reproduz a de 1977, acrescida pelos novos e radicalizados revisionistas do Israel Beiteinu, cria seguidos obstáculos a qualquer negociação com os palestinos e continua a estimular a colonização da Cisjordânia. A oposição, por seu lado, não consegue formular projetos e propostas alternativos.

Quarenta e cinco anos depois, os desdobramentos da Guerra dos Seis Dias continuam a delimitar os contornos e a alimentar os conflitos na região. ■

Flávio Limonic é professor do Departamento de História da Unirio.

O passaporte escondido

Renato Mayer / Especial para ASA

El a tinha uma certa vergonha de contar que havia ingressado no Brasil, no início de 1941, com um passaporte polonês falso, pois achava que isso ia contra as leis do país que tão bem a acolhera naqueles tempos difíceis. Por essa razão, eu nunca consegui vê-lo. Nem o fato de, já casada com meu pai, tê-lo assistido, em 10 de setembro de 1942, junto com outras dezenas de imigrantes judeus, fazer o juramento de defesa da nova pátria na Circunscrição do 1º Exército, ou de se ter naturalizado anos depois, parecia compensá-la. Ainda assim, nas poucas vezes em que se referia ao assunto, minha mãe acrescentava um toque cômico: o de que o falsificador colocara como seu local de nascimento nada menos do que o Ministério do Interior da Polônia.

Essa parecia a peripécia final de uma série que incluía uma difícil chegada a Lisboa, onde embarcaria com os pais rumo ao Rio no Quanza, um vapor português que pareceria um barquinho se comparado aos transatlânticos de hoje. Até Lisboa, dias e dias passados à espera em Perpignan, na fronteira franco-espanhola, onde, com a ajuda de refugiados republicanos, havia escrito uma carta em castelhano a um diplomata espanhol que meu tio-avô – com seus fartos recursos, ele tirara toda a família do Velho Continente –, havia conhecido na América do Sul. O diplomata, enfim, comoveu-se, assumiu a responsabilidade pela passageira, à época um requisito legal, e ela pôde cruzar a Espanha, ainda flagelada pela guerra civil, cuja reduzida lembrança era a de que não se conseguia comprar pão em lugar algum.

Mas, como havia chegado à França de Vichy, vinda da Holanda já ocupada pelos alemães? Aqui entra a valorosa e firme figura de Gertrude (Truus) Wijsmuller-Meijer. Em seguida ao impacto causado pela Noite de Cristal, em 9 de novembro de 1938, quando centenas de judeus e bens pertencentes a eles foram atacados em

várias cidades da Alemanha Nazista, entidades europeias de ajuda se organizaram para retirar daquele país, da Áustria e da Tchecoslováquia o maior número possível de crianças sujeitas a previsíveis ameaças.

A senhora Wijsmuller era cristã, de família de posses, esposa de um banqueiro holandês e membro ativo do Comitê Holandês para as Crianças Refugiadas. Falava alemão perfeitamente e em 5 de dezembro de 1938 voou para Viena para arrancar pessoalmente de Adolf Eichmann a permissão para retirada e envio de 10

Minha mãe assumiu o compromisso de não abrir a boca em toda a viagem.

mil crianças – 90% das quais judias – daqueles países para a Inglaterra, conforme autorização do Parlamento Britânico. Eram os chamados *kindertransport*, que iam recolhendo crianças de estação em estação até Hook of Holland, um porto nas proximidades de Rotterdam, de onde embarcavam para a salvação. Até 3 de setembro de 1939, quando o eclodir da guerra interrompeu os transportes, foram feitos 50 embarques.

Graças a seus esforços pessoais, iniciativa e organização, ela conseguiu despachar, faltando apenas dez minutos para a capitulação oficial da Holanda às tropas nazistas, em 14 de maio de 1940, um último *ferry* rumo a Liverpool, com crianças de uma instituição de Amsterdam.

Gertrude Wijsmuller foi, com todo o merecimento, reconhecida pelo Yad Vashem, o instituto de Jerusalém que homenageia os Justos entre as Nações (não judeus que se empenharam pelo seu resgate e salvação), e tem lá uma árvore plantada em seu nome.

Seu esforço e sua luta, porém, continuaram. No livro *Geen tijd voor tranen* (Amsterdam, 1962), cuja receita de vendas destinou à instituição ORT/ Israel, ela relata, às páginas 167-170, como, em setembro de 1940, levou uma criança através de seu país, da Bélgica e da parte da França ocupada até Perpignan. A senhora Wijsmuller tinha trânsito junto à oficialidade alemã e a “criança”, minha mãe em seus já vinte anos, assumiu com ela o compromisso de não abrir a boca em toda a viagem, para que nenhum sinal de sua real identidade fosse revelado.

Embora vienense, essa passagem pela Holanda ficou aderida à imagem de minha mãe. Em um dos primeiros números de *O Pasquim*, entrevistaram Tom Jobim com a pergunta de onde ele tinha aprendido seu inglês. “As primeiras lições foram com a dona Erika, uma holandesa desempregada que apareceu no colégio de minha mãe”, foi a resposta.

Na década de 70, a senhora Wijsmuller visitou o Brasil. Meu pai convidou a todos para um jantar num restaurante da Avenida Atlântica. Em certo momento, no início da refeição, aproximou-se de nós um daqueles grupos de músicos que estão sempre por ali, tocando em troca de algum. Talvez por achar que, em países como o Brasil, músicos tocam na rua porque passam fome, a generosa e robusta senhora, incontinenti, sacou da mesa um pão e estendeu ao senhor que trazia um violão. Só que o pão estava meio mordiscado... O músico, ainda assim reconhecido, assentiu e levou o pão à boca. Em seguida, rumou adiante.

Nunca esqueci essa cena, que me deixou meio constrangido. Parecia que o mundo da senhora Wijsmuller havia ficado para trás. E, de fato, ela morreu poucos anos depois, em 1978. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador deste Boletim.

Fantasia

Heliete Vaitsman / Especial para ASA

Quando o navio de bandeira espanhola atracou no cais do porto na segunda-feira de carnaval de 1921, minha avó Esther encontrava-se, aos 31 anos, numa mescla de exaltação e cansaço e mal ouviu os sons da bandinha que recepcionava os recém-chegados. Vinha da Polônia, via Marselha, na desconfortável terceira classe, com a filha de 11 anos, e ambas tinham enjoado durante as três semanas de viagem. O marido, que não via há uma década, foi logo avisando que elas não deviam se assustar com os fantasiados e mascarados que encontrariam no caminho até a casinha alugada numa vila do Méier, onde a família residiria nos cinco anos seguintes.

Elas não se assustaram. Ao contrário, a avó apaixonou-se imediatamente pelo carnaval e pelo verão do Rio de Janeiro, depois de tantos invernos congelados em Ostrowiec. A Primeira Guerra Mundial (1914-1919) estourara antes de o avô ter conseguido economizar o valor das passagens para trazer a família para o Brasil, e o marido reencontrado era um desconhecido – envelhecera, ganhara rugas, os dentes estavam estragados... Meio século depois, respondendo à perplexidade das netas, que não entendiam como o casamento sobrevivera a um afastamento tão prolongado, ela balançava a cabeça, dizendo que as pessoas viviam a vida possível, não a idealizada.

Diante da carência de informações a respeito da tal “vida possível” sobravam as hipóteses, nunca verificáveis. A família não falava da velha terra; à mesa do jantar, na frente das crianças, só o presente e o futuro eram permitidos. Minha mãe, nascida no Rio em 1921, talvez tenha sido concebida, como tantos filhos de imigrantes, para garantir o direito à estadia dos pais no Brasil. Talvez. Certezas, não havia. Quem eram, verdadeiramente, os



Bella no carnaval de 1927, em BH

avós? O que os movia? O que temiam? Por que a avó, ávida leitora de tudo o que caísse em suas mãos, bulas de remédio, folhetos, panfletos, jornais, revistas e livros (em português, idish e inglês), esquecera até mesmo a mais banal palavra da língua polonesa?

Ela nada explicava. Em troca, se entusiasmava com o cotidiano brasileiro, o mesmo entusiasmo de pensadores e escritores que tentam até hoje decifrar o país. “Seu” Constantino, marido da vizinha portuguesa e dono de uma loja de ferragens, saía no sábado de carnaval, fantasiado de mulher, e só voltava na quarta-feira de madrugada!! A transgressão consentida devia parecer uma contradição (admirável? exótica?) à avó – que também adorava feijoada, farofa, empadinhas de camarão e fantasias carnavalescas! Tinha costurado muitos trajes de piratas, havaianas, ciganas e bailarinas para as filhas e os sobrinhos... A partir de dezembro, quando sintonizáva-

mos o rádio para ouvir as marchinhas que seriam tocadas nos bailes (as que “pegavam” eram repetidas nos anos seguintes e continuam executadas até hoje!), ela também se preparava para o carnaval. Copiava moldes, lia conosco as letras favoritas... Divertia-se com a poesia simplória que caçoava de mulatas ou carecas. Não me lembro de músicas que fizessem troça dos judeus – por sorte, pois com certeza também as cantaríamos.

Não sei se outras avós tinham o mesmo gosto. A minha não frequentava sinagoga, não jejuava no lom Kipur, não acumulava riqueza, só falava conosco em português. Acho que muitos imigrantes eram parecidos com ela – sonhavam com a integração, apenas, e desta fazia parte fantasiar os filhos e deixá-los em liberdade na rua suburbana, junto à vizinhança pobre ou remediada (portugueses, italianos, brasileiros), que não pedia credenciais de origem a quem quisesse se inserir na geleia geral. A realidade, não o imaginário, permitira a construção do olhar apaziguado.

Mangas no quintal, laranjas na mesa. O Brasil é o *gan Eiden*, o jardim do Éden, onde vizinhos puxam conversa, convidam a gente para jantar no Natal e não zombam das crianças *idn* – a avó repetia enquanto folheava o álbum onde havia fotos como a desta página, na qual minha mãe, Bella, com 6 anos, no carnaval de 1927, aparece ao lado dos primos. Os três brasileirinhos posam, compenetrados, no estúdio do fotógrafo em Belo Horizonte, para onde o avô se transferira em busca de melhores oportunidades. Estas se revelaram uma fantasia – nada carnavalesca, infelizmente – e ele morreu pobre, mas isso é outra história... ■

Heliete Vaitsman, jornalista, é colaboradora do Boletim ASA.

A Era das Contradições

Bruno Garcia e Souza e Murilo Sebe Bon Meihy / Especial para ASA

“*C*omo presidente dos Estados Unidos, eu não blefo.” A fala de Barack Obama, em entrevista a Jeffrey Goldberg, da revista *Atlantic*, no último dia 2 de março, antecipou um pouco o tom do discurso que seria realizado dois dias depois. Falando no Comitê EUA-Israel de Relações Públicas (AIPAC), o presidente americano enfatizou as estreitas relações com Israel, reforçando o tradicional compromisso com a amizade e o apoio ao país, e subiu o tom contra o programa nuclear iraniano. Ao acenar que, apesar de preferir o caminho diplomático, não hesitará em usar a força se for preciso, Obama surpreendeu; nem tanto por ter tocado em um assunto tão delicado, mas principalmente por ter sido extremamente enfático em um momento tão inesperado.

Os encontros do AIPAC, em geral, são recheados de falas superficiais de apoio mútuo em que americanos e israelenses reafirmam publicamente sua aliança. Para além das formalidades, este ano o evento foi utilizado como palanque para a campanha de reeleição de Obama.

À primeira vista, parece desnecessário afirmar com tanta veemência o apoio, já tão conhecido, ao Estado israelense. Os EUA nunca esconderam o compromisso com a manutenção militar e diplomática do Estado de Israel no Oriente Médio.

Das negociações de paz com o Egito ao respaldo diplomático contra qualquer tentativa de sancionar Israel no Conselho de Segurança das Nações Unidas, o projeto norte-americano para a região do Oriente Médio considera fundamental a aliança com os israelenses, independente dos resultados eleitorais de ambos os países.

O contexto das eleições presidenciais norte-americanas deste ano, no entanto, demonstra que fincar bases no óbvio pode ser decisivo. Diante da turbulência dos últimos anos, da incerteza quanto aos

A saída para Obama é mostrar-se tão conservador quanto um republicano no poder.

destinos da economia, dos protestos que se espalharam pelas cidades americanas questionando o sistema financeiro como um todo e da falta de clareza sobre em que ponto o mundo parece efetivamente mais seguro após as campanhas no Iraque e no Afeganistão, a solução parece ser o reforço da fidelidade política a valores tradicionais. A estratégia é oferecer clareza e confiança em uma hora tão turbulenta, garantindo uma imagem de firmeza e liderança a Barack Obama.

Curiosamente, os especialistas têm se perguntado se a política externa de Obama é seu ponto mais forte ou o mais fraco. Diferente do seu antecessor, que transformou o mundo por meio de uma avalanche de mudança de regimes e da guerra preventiva, Obama esteve engajado em políticas de diplomacia e cooperação multilateral e em uma retórica derivada do poder simbólico de sua imagem, popular no resto do mundo.

Em um cenário em que a classe média nacional segue afetada economicamente, o Poder Legislativo pertence ao principal partido de oposição ao presidente, e a

reforma do sistema de saúde ainda não gerou dividendos políticos expressivos, mais uma vez, o fator decisivo da reeleição de Obama promete ser a política externa. A agenda lúcida de campanha deveria tratar dos temas mais latentes: o fraco desempenho da economia que teima em não se recuperar da crise de setembro de 2008, a altíssima taxa de desemprego ou o significado dos protestos como o *Occupy Wall Street* (ver *Occupy: Scenes from Occupied America*, Paperback, 2011). Porém, o dramático estágio da economia norte-americana parece nocivo tanto para republicanos quanto para democratas. Se a crise explodiu na administração Bush, quatro anos atrás, Obama ainda não conseguiu demonstrar que seu governo fez o suficiente para arrecadar capital político da situação. Os fracos sinais de recuperação ainda não são convincentes.

No fogo cruzado é provável que a oposição ao atual presidente ataque, não a ineficácia na administração das finanças públicas, mas a imagem “pouco americana” do presidente. A cartilha já é conhecida. Republicanos certamente estarão armados de um pretensão pragmatismo que procura resgatar o orgulho patriótico na certeza do excepcionalíssimo norte-americano como potência solitária no sistema internacional, responsável pela manutenção de uma mínima ordem geopolítica, pela defesa dos valores democráticos e a segurança de seus aliados.

Em outras palavras, a narrativa da América forte promete endurecer o discurso conservador contra os democratas. A plataforma, neste caso, não é outra senão a política externa. A saída para Obama é mostrar-se tão conservador quanto um republicano no poder, e para isso é chegada a hora de colher os frutos de uma ação política internacional que capturou e eliminou Osama Bin Laden, deu apoio à queda de Muamar al-Kadafi, na Líbia, e não hesitou em criticar os apoios russo e chinês ao governo de Bashar al-Assad, na Síria. Não admira que, em ano eleitoral, Obama tenha endurecido justamente o

Doce De Leite
 Confeitaria artística
 Tradição em bolos e doces

Fazemos as delícias do seu evento

Pão de Mel - Doces
 Bolos - Bem-casados

CARDÁPIO JUDAICO

21 2551-2630 (Claudete)
 3657-8812 (Graça)

discurso contra o Irã e reafirmado o compromisso com Israel.

Neste sentido, os países do Oriente Médio, aliados ou não dos Estados Unidos, sabem que precisam acompanhar atentamente cada palavra emitida por Obama e seu rival do Partido Republicano para se moverem no tabuleiro minado do jogo político internacional. O grande desafio do próximo governo norte-americano será a construção de uma política externa original para o novo Oriente Médio que se configura, sem abandonar antigos pilares e valores como o apoio incondicional ao Estado de Israel. Sendo eleito Obama ou seu rival republicano, o que muda é a sutileza desse apoio.

A agenda política internacional conjunta de Estados Unidos e Israel mantém velhos desafios. Antes de tomar a decisão mais simplória e cartesiana de atacar o Irã para garantir o fim de seu programa nuclear, torna-se preciso conter diplomaticamente as pretensões iranianas de liderança regional no Oriente Médio, dando apoio a países que concorrem com o Irã por maior influência na região. A Arábia Saudita, antiga aliada e alternativa mais confiável de liderança regional, perdeu fôlego por conservar um modelo político repressor em um cenário interno de “Primavera Árabe”. O caminho para se regionalizar a contenção à influência política do Irã é o apoio aos esforços de visibilidade internacional da Turquia, que tem enfrentado com sobriedade grandes desafios da política regional, como a crítica ao governo sírio e a negociação diplomática com o Irã na questão de seu programa nuclear.

O problema é que o apoio à Turquia e a reconfiguração do projeto político norte-

A incoerência nunca foi um problema para o jogo político internacional.

americano para o Oriente Médio pós-Primavera Árabe seria mais fácil e eficiente se a política externa israelense não fosse controlada por figuras tão conservadoras como o atual ministro das Relações Exteriores, Avigdor Liberman. Quando precisa negociar publicamente com o Likud ou com o Israel Beitenu, o constrangimento de Obama é algo difícil de esconder. No momento em que, entre os países islâmicos, os Estados Unidos precisam aproximar-se de governos mais liberais e abertos, ter que agir em concordância com os grupos mais conservadores da política israelense é quase uma contradição em termos. Mas a incoerência nunca foi um problema para o jogo político internacional, desde que situações risíveis como o apoio simultâneo à democratização dos países do norte da África e ao poder tirânico da monarquia saudita tragam votos junto à classe média norte-americana.

Com relação ao Irã, certamente o maior de todos os desafios geopolíticos do próximo presidente dos Estados Unidos, os desajustes entre as políticas exteriores israelense e norte-americana são mais fáceis de serem dissolvidos. Em um cenário de crise econômica mundial, o ideal é estender o conflito para o campo retórico, em uma troca de discursos hostis com o presidente iraniano Mahmud Ahmadinejad. O ataque militar

às instalações nucleares do Irã é uma possibilidade? Sim; mas é muito mais um desejo da ala conservadora da política israelense do que uma opção inteligente para o governo norte-americano.

Como uma velha babá já cansada de administrar os conflitos entre as crianças rebeldes de seu patrão, o próximo presidente norte-americano precisa ensinar o bebê Netanyahu e o bebê Ahmadinejad a não mais brincarem com “fogos de artifício”. ■

Bruno Garcia e Souza é mestre em Sociologia e Estudos Europeus pela Univ. de Masarik (Brno, Rep. Tcheca) e pesquisador da Revista de História da Biblioteca Nacional.

Murilo Sebe Bon Meihy é doutorando em Estudos Árabes pela USP e professor de História Contemporânea da PUC-Rio.



Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Martins Associados - Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana
Telefone: 2255-7491

Mauro Acselrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 | E-mail: acsel@globo.com

Camila Kushnir
Psicanálise para adolescentes, adultos e idosos

Consultórios: Humaitá e Tijuca - Cel: 8477-4648

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Buffet próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929
E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Vamos para o Tashlich*

Motl Polansky

Tashlich é uma palavra hebraica que significa “jogar fora”. Trata-se de um ato religioso dos judeus no primeiro dia do Ano Novo, o Rosh Hashaná. Vai-se para o mar, rio ou riacho em um passeio alegre e festivo encontrar o Ano Novo. Lá chegando, diz-se uma reza virando pelo avesso os bolsos da roupa como quem joga fora todos os pecados, rezando e pedindo a Deus o perdão e uma entrada de Ano Novo sem pecado.)

Recebemos notícias muito boas de Meilech. Ele havia se arrumado como tecelão em uma fábrica de Bucareste. Entrou para a família dos trabalhadores no movimento revolucionário clandestino e ajudou a estabelecer relações regulares entre nós e o centro. Começamos a receber livros, jornais e outros materiais que eram também distribuídos nas cidades e aldeias vizinhas. O material ilegal era guardado na casa de Ita. Lembro como, com o coração palpitante, peguei em minhas mãos na casa dela a revista russa *Bessarábia Vermelha*. A capa continha indicações da tendência política de luta e esperança: era ilustrada com a fronteira político-geográfica da União Soviética com a Romênia, tendo a Bessarábia ao centro, toda em vermelho, com um laço de corda grossa jogado pelo lado da Romênia sobre a Bessarábia, que é puxada para ser arrancada à Rússia. O essencial da revista eram os artigos políticos e a correspondência enviada por camponeses e trabalhadores de todos os cantos da Bessarábia, falando da resistência das forças revolucionárias contra a dominação romena, dos incidentes políticos, prisões e processos jurídicos.

Idel já se havia ligado a um grupo de camponeses pobres da aldeia Romencautz. Para lá ele ia toda semana, à feira semanal, levando calçados e tendo a oportunidade de se encontrar com os camponeses sem ninguém perceber. A sua mercadoria tinha fama. Os camponeses já sabiam que Idel



Reprodução

Sapateiro judeu - desenho de Issachar ber Ryback

Os empregados da fábrica de Alter resolveram declarar greve.

não falsificava o produto, não colocava papel e papelão em lugar de couro como faziam os outros. Assim, em volta de sua carroça reuniam-se muitos fregueses, e nessas ocasiões, sem que ninguém percebesse, Idel dava um par de botas a um freguês. Ninguém adivinhava que justamente essas botas estavam cheias de papel e papelão. Só o comprador fictício sabia que continham revistas, jornais e brochuras. Idel, além do contato com a aldeia, dirigia o trabalho de algumas células secretas da cidade. Seguia também a atividade do Círculo Sholem Aleichem, embora por precaução raramente lá fosse.

Ao final do verão, antes de Rosh Hashaná, chegou um jovem companheiro bielorrusso chamado Tchermodanov, enviado da organização partidária da Bessarábia. Entre outras tarefas, ele devia visitar algumas células, e eu tive de apresentá-lo à célula que eu dirigia. Uma tarde, saindo da casa da filha do professor, que abrigava uma célula, pude descrever a atividade da célula para onde íamos, que consistia em

um grupo muito jovem. Falei sobre a família onde funcionava a célula.

Era a família de Moshke, o cigano, um judeu alto, magro, de mãos ressecadas e compridas, barba preta de cigano e voz meio rouca. Chamavam-no de “Moshke com as Dez Mulheres”. Suas crianças, uma menor que a outra, eram todas meninas. Em grande quantidade, eram magras devido ao trabalho pesado e à vida dura. Moshke era agricultor, um trabalhador que usava suas próprias mãos e seu suor. Ele arrendava a terra, e a família

toda trabalhava, arando e plantando, rebentando-se sob o sol e as chuvas até surgir a safra de onde podia tirar o pagamento das dívidas e as despesas do ano todo. A casa estava sempre cheia de verduras, beterrabas, batatas, milho e um forte cheiro de fumo que arranhava a garganta. Espalhavam-se pelo chão folhas de fumo verdes e amareladas, do teto pendiam barbantes com folhas para secar. Era difícil entender como uma família inteira podia viver em tal aperto, onde comiam e dormiam. Moshke andava sempre triste e preocupado. Só se alegrava quando se cercava das filhas e de seus jovens amigos. Calaram fundo em seu coração as histórias dos jovens sobre a Revolução de Outubro e sobre os primeiros decretos do governo soviético: “Estou vendo – dizia – que mesmo o primeiro plano de Lênin era a terra. Vocês sabem o que é terra? Terra é a própria vida.” Isto tudo eu contei a Tchermodanov no caminho, para que ele não estranhasse encontrar entre os jovens aquele velhinho de barba preta.

O encontro com a célula foi vivo e caloroso e deixou uma profunda impressão. Tchermodanov falou dos importantes acontecimentos no país, do heroísmo que os companheiros mostravam na luta revolucionária. Respondeu a todas as perguntas e perguntou a cada um sobre sua vida e seu trabalho.

Naqueles dias, os conflitos de trabalho não eram poucos na cidade. Uma grande insatisfação dominava a fábrica de calçados de Alter, um ricaço que tinha sido sapateiro. Agora dono de uma fábrica com muitos trabalhadores, possuía também uma grande loja de couro. Pagava uma ninharia aos trabalhadores e vendia o couro para os sapateiros a preços extorsivos, pois só lá eles podiam comprar fiado. Quando os empregados pediram para melhorar os salários, ele descobriu logo os organizadores e os demitiu da fábrica. Revoltados, todos os empregados resolveram declarar uma greve.

Para isso era preciso promover uma grande reunião. Como fazê-la sem que ninguém percebesse? Tiveram uma ideia. Como dali a poucos dias seria Rosh Hashaná e todos iriam para o Tashlich, podia-se ir junto com a multidão até o rio sem chamar a atenção de ninguém. Ficou combinado. Nós vamos para o Tashlich!

No dia de Rosh Hashaná as ruas estavam festivas e das sinagogas saíam pequenos grupos para o tashlich, cada grupo com seu rabino à frente. Da velha sinagoga saiu o rabino Pinches cercado pelos seus frequentadores. Baixinho e magro, ele quase não era percebido. Tinha a barba grisalha, voz fina e gritante e o andar miúdo como se estivesse pulando.

Da outra sinagoga, à frente da multidão caminhava o rabino Shloime. Alto e magro, com uma barba de apenas alguns fios, entre os estudiosos da religião era o mais sábio, o maior conhecedor das leis e da honestidade. Quando convidado para honrar alguma festa, quase não comia. Não podia falar ao povo, pois o fazia muito baixo e de modo incompreensível. Ninguém o entendia. Havia só dois sinais: quando ficava pálido, sabia-se que estava se preparando para fazer um discurso; quando ficava vermelho, sabia-se que estava falando. Eftim, que trabalhava na casa de banhos e também era empregado da sinagoga, dizia: “O rabino está calado e os judeus estão ouvindo.”

À frente de outro grupo, o rabino Haim, chamado de “o rabino proletário”, era largo, gordo, com uma barba respeitá-

vel, cabelos ruivos e rosto de quem gostava muito deste mundo. Os trabalhadores gostavam muito dele. Quando o convidavam para alguma festa, diziam que com ele ninguém passava vergonha; ele comia e bebia que dava gosto olhar.

Um pouco distantes, andavam todas as mulheres, de cabeça coberta e com livros de orações nas mãos, os jovens namorando e as crianças correndo, brincando e jogando pedras no rio.

Nossa gente misturou-se com essas pessoas, dispersa em grupos de dois e três para não chamar a atenção. Atravessando a ponte, os ativistas indicavam o lugar combinado e vigiavam para que ninguém viesse sem ser convidado. Perto da ponte rondavam Katzop e Sheindel. Passeando,

Todos vestiam roupa festiva, mas a conversa era sobre trabalho.

fingiam ser um casal de namorados sonhadores. Adiante, mais um casal de namorados, controlando. Muita gente veio à reunião. Todos vestiam roupa festiva, mas a conversa era sobre trabalho. Exaltados, os sapateiros despejavam toda a sua ira sobre Alter, que havia demitido seus empregados, deixando as famílias sem pão. Os alfaiates falavam de seus conflitos com os patrões. Os empregados do comércio, os padeiros e outros também foram ao tashlich com os corações amargurados. Em meio à conversa, ouviu-se uma forte voz feminina.

Era a mulher de um sapateiro mudo que sempre acompanhava o marido para tratar de seus assuntos. Ele trabalhava em casa como sapateiro, mas o dinheiro não era suficiente para pagar os impostos. Certo dia, dois agentes da prefeitura vieram cobrar esses impostos. O sapateiro começou a se exprimir por meio de sinais com as mãos e os dedos. Não sabendo que ele era surdo e mudo, os agentes suspeitaram de que o sapateiro estivesse debochando deles. Deram-lhe um tapa no rosto. O sapateiro se esquentou e caiu em cima

dos agentes, mordendo-os até sangrarem. Estes começaram então a agredi-lo. Com a gritaria do sapateiro, toda a rua acorreu. Desde então, ele passou a trabalhar na oficina de Alter. “Tanto banditismo. Um sapateiro sugar o sangue de seus irmãos”, esbravejava a mulher. “Se meu marido é mudo, ele não precisa comer? Por acaso ele não tem fome? Os meus filhos não querem comer? Então, por que estamos calados?” “É para isto que estamos aqui”, respondeu Idel. “Mas não é preciso fazer tumulto. A turma do tashlich pode nos ouvir.” “E o que é que tem?”, perguntou um judeu alto e magro, com um livro de rezas nas mãos, que tinha vindo com seu filho que trabalhava na fábrica de Alter. “O que temer? Eles vieram para o tashlich deles e nós, para o nosso.”

De longe, ouvia-se o murmúrio das rezas perto do rio. O pessoal começou a debochar. “Escutem só como eles rezam para o céu. Olhem só como sacodem os bolsos vazios. Eles querem enganar a Deus. Querem embromá-lo e pedir recibo de que estão livres de pecados. Mas para os nossos patrões nós vamos é preparar um recibo de greve!”

Idel fez uma síntese dos objetivos da reunião. Ficou resolvido que, no dia seguinte, em solidariedade aos sapateiros, também declarariam greve os padeiros e os empregados do comércio. Tchermodanov propôs que fosse criado um fundo de greve para ajudar os grevistas e as suas famílias. Logo após Rosh Hashaná, começou a greve. Todos estimavam que se prolongaria por muito tempo. Mas, como estávamos no ardor do outono, quando o mercado exige mais produção e as lojas ficam cheias de fregueses, Alter e os demais patrões tiveram de engolir a própria ira e ceder a todas as exigências dos grevistas.

Idel sentia-se um grande vencedor. Quando teve de se despedir de Tchermodanov, chamou também Sonia. Tudo fora conseguido. Tudo em paz e sem obstáculos. Idel e Sonia estavam felizes da vida. ■

Tradução de Isaac Acselrad.

** Os capítulos anteriores estão disponíveis no site da ASA.*

Nossa guerra dos seis dias

Henrique Veltman / Especial para ASA

Meu grande amigo e, na época, sócio, Isaac Kahn, e eu, ocupamos nossa mesa tradicional no Du Nil, na Rua Senhor dos Passos. Era lá que se comia a melhor culinária árabe de todo o Rio de Janeiro.

Enquanto jorravam as notícias do rádio do restaurante, num ambiente carregado, eu ia anotando as baixas israelenses anunciadas pela Rádio do Cairo. Nas capitais árabes, a notícia do conflito era saudada com manifestações de alegria e orgulho, o que se reproduzia no ambiente do Du Nil.

“É chegada a hora de acabar com Israel”, afirmavam as rádios do Cairo, de Amã e de Damasco. Milhares de árabes dirigiam-se aos postos de recrutamento para participar da vitória, que deveria ocorrer em apenas quatro dias. Eu ia somando os números que o noticiário árabe alardeava. Em determinado momento, me levantei e anunciei ao povo do restaurante: “Sosseguem, Israel está ganhando a parada!”

A confiar nos boquirrotos do Cairo, teriam sido abatidos de duas a três vezes toda a Força Aérea Israelense. Ninguém sabia que era de Israel a total supremacia aérea. Como sempre, os árabes se perdiam num falatório sem nenhum contato com a realidade. E num arroubo que surpreendeu o Isaac, dei uma de caubói americano: “Be-bida pra todos, hoje quem paga sou eu!” Paguei.

Poucos dias antes, a guerra já parecia iminente. Em 16 de maio de 1967, o presidente Nasser ordenara às forças das Nações Unidas que separavam Israel do Egito – entre elas o Batalhão Suez, brasileiro, lá instalado desde 1957 – que se retirassem do Sinai, de fato território egípcio. Na sequência, um exército de 80 mil egípcios voltou a ocupar o Sinai, inclusive a Faixa de Gaza, onde viviam como prisioneiros os refugiados palestinos de 1948.

Israel, novamente, ficava cara a cara



Tanques israelenses avançam no Golan

com os seus tradicionais inimigos do sul. Com mais 60 mil homens de reserva e, no norte, 50 mil soldados sírios prontos a intervir, eram 190 mil homens contra uma força de Israel calculada em 70 mil. Se os árabes, com armas russas e aviões e tanques modernos, atacassem, Israel não poderia resistir. A solução, um ataque preventivo. No dia 5 de junho de 1967, numa operação de surpresa, os aviões de Israel atacaram simultaneamente vários aeroportos egípcios e bases aéreas na Síria, na Jordânia e no Iraque. No fim do dia 6 de junho, Israel havia perdido 19 aviões, tendo destruído mais de 400, entre os quais os perigosos Mig-21.

Garantida a supremacia aérea, ainda em 7 de junho, 30 mil soldados israelenses apoiados por 800 tanques atacam o exército egípcio no Sinai, que conta com mil tanques de fabricação soviética, principalmente T-55.

Começado o plano de mobilização geral, às 9 da manhã, 235 mil militares em armas preparavam a ofensiva.

Nas frentes central e norte, onde Israel assumira posições essencialmente defensivas, com tropas constituídas na sua maioria por reservistas, as coisas eram mais complicadas. A cidade nova de Jerusalém, sob fogo cerrado da artilharia da Jordânia, teve mais de 500 vítimas em apenas dois dias. A situação só melhorou quando se

chamaram tropas e alguns tanques vindos do sul, na tarde do dia 7. Na frente sul, no Sinai, os egípcios fugiram desordenadamente na direção do Canal do Suez.

Na manhã de 8 de junho, a sua fuga impedida pela Força Aérea de Israel, os tanques egípcios, completamente desorganizados, acabaram atingidos pelos tanques de Israel que avançaram durante a tarde. A principal força blindada árabe fora destruída. Sem oposição, no dia 9 de junho as forças de Israel atravessaram o Suez e

passaram a controlar as duas margens do Canal. A operação só terminou depois de um ataque maciço às posições da artilharia síria, no norte, com o objetivo de conquistar as Colinas de Golan, território de onde é possível bombardear Israel. Quando, em 10 de junho, é assinado o cessar-fogo, os tanques israelenses já avistavam os minaretes das mesquitas de Damasco. No conflito, os árabes perderam 430 aviões e 800 tanques e tiveram 15 mil baixas, contra perdas de 40 aeronaves e 803 mortos por parte de Israel, que passou de um território de 20.720 km quadrados para 73.635 km quadrados, em seis dias.

No segundo dia da guerra, o primeiro-ministro Levi Eshkol informou ao rei Hussein que Israel não atacaria a Jordânia se esta não atacasse Israel. Mas, incentivado por Nasser e pela falsa informação de que o Egito estava indo bem no confronto, Hussein autorizou que forças jordanianas bombardeassem a parte israelense de Jerusalém.

Israel, até o fim do segundo dia, já havia empurrado os jordanianos para além do Rio Jordão, ocupando toda a parte oriental da cidade de Jerusalém e a Cisjordânia. As imagens dos primeiros soldados israelenses junto ao Muro Ocidental correm o mundo. Emoção total. O acordo de cessar-fogo entre Israel e Jordânia é assinado ainda no dia 7. Jerusalém, milenar, conturbada e fascinante, sagrada para os judeus e o islã, dividida desde 1948

NOTAS

Fotos Sara M. Gruman

entre israelenses e árabes, virou a capital unificada de Israel.

Consta que, algumas horas após o fim da guerra-relâmpago, o então ministro da Defesa, Moshé Dayan, levou o já idoso Ben Gurion para um passeio de helicóptero sobre Gaza, Cisjordânia, Jerusalém Oriental. Ao aterrissar, o fundador de Israel segurou Dayan pelo braço e disse-lhe algo que, hoje, é quase consenso entre os estudiosos: se Israel quisesse um dia ter paz, deveria devolver a maior parte do que conquistara em 1967.

O Sinai inteiro foi devolvido ao Egito na paz concertada entre Sadat e Begin. Jerusalém Oriental e o Golan foram anexados. A Cisjordânia foi ocupada.

Aqui no Rio, a Bloch lançou o enorme sucesso de vendas *Cinco dias de junho*, com textos de Murilo Melo Filho, Arnaldo Niskier, Raimundo Magalhães Júnior e Joel Silveira. Eu mesmo, na minha pequena e quase clandestina HB, Editor, lancei o *Águias sobre o Egito*, um pequeno livro de bolso, assinado pelo meu heterônimo, Zvi Dov. Grande sucesso nas bancas de jornais.

Os confrontos reacenderam o ódio contra os israelenses. Nos anos seguintes, novos confrontos aconteceram, mas Israel sempre rechaçou os inimigos – apesar de insucessos parciais em 1973, na Intifada, na luta contra o Hamas e, mais recentemente, no confronto com o Hezbolá.

Após a Guerra dos Seis Dias, A ONU aprovou a Resolução 242. Os documentos da ONU são redigidos em dois idiomas: a 242, na versão em inglês, determina a retirada de Israel de territórios ocupados; a versão francesa fala em retirada dos territórios. Adivinhem qual versão é usada pelo governo de Israel...

O sonho da direita israelense e dos setores religiosos, o Grande Israel do Gush Emunim, passou a envolver os corações e as mentes do povo, inclusive na Diáspora. No Pessach de 1968, por exemplo, passou a ser um *must* organizar o seder em Sharm El Sheik, em pleno Sinai.

Mas o sonho terminou, e mais cedo ou mais tarde será preciso uma nova partilha entre israelenses e palestinos. ■

Henrique Veltman, carioca, 75 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

A turma de dança israeli da ASA fez um bota-fora para o seu coreógrafo, Rafael Barreto de Castro, que já está no Canadá, com uma bolsa de estudos, por seis meses. Rafael está sendo substituído por Elisa Teruszkin Prestes (foto). As aulas de dança israeli, que estão cada vez mais procuradas, são toda terça, a partir das 18h30, no salão.



O pesquisador Alfredo Tolmasquim, autor de *Einstein, o viajante da relatividade na América do Sul*, foi o convidado do Círculo de Leitura da ASA no dia 20 de março. Ele cativou o público com uma grande quantidade de informações e fatos pitorescos que envolveram a visita de Einstein ao nosso continente e, sobretudo, ao Rio de Janeiro. O Círculo de Leitura se reúne quinzenalmente, às terças-feiras, a partir das 15h30. Os participantes têm liberdade para levar e ler pequenos textos, em prosa e verso, em português, publicados em livros ou na imprensa.



O Duo Ritmata (Roberto de Brito no violão e Rachel Castro na flauta) se apresentou no dia 25 de abril no auditório da ASA, segunda etapa da série Violão & Cia que está sendo promovida durante este semestre, na última quarta-feira de cada mês. O ciclo foi aberto em março pela Orquestra de Violões da Associação de Violão do Rio de Janeiro. As próximas atrações são o Trio Dilettante (violões), em 30 de maio, e o Duo Cancionâncias (voz e violão) no dia 27 de junho.



Confirmando uma tradição de onze anos, a celebração laica de Pessach lotou o salão da **ASA** no domingo 1º de abril. Os diretores Gitel Bucaresky e Jacques Gruman apresentaram o tema da luta pela liberdade em diferentes períodos da História. Ilustrando o texto, o **Coral da ASA** interpretou diversas canções alusivas a Pessach e à liberdade e encerrou, para o público entusiasmado, com *Shir LaShalom*, a mais nova peça de seu repertório, num arranjo da regente, Claudia Alvarenga. O jantar do pré-Seder, farto como sempre, com pratos típicos, vinho kosher lePessach e matsá, esteve a cargo de Claudete Zambon.



Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001